

A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA FILOSOFIA esboço de síntese

Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO
Faculdade de Filosofia
carmelaf@terra.com.br

Palavras-chave: ensino de filosofia; formação de professores; práticas interdisciplinares; tempo presente.

Justificativa / Base teórica

Os discursos portadores das propostas interdisciplinares têm, a nosso ver, apresentado limites muito estreitos, por esbarrarem em problemas básicos, como, por exemplo, a formação estanque dos próprios professores, que precisam vencer barreiras conceituais para compreender a relação de sua especialidade com as demais áreas do saber. Nas condições atuais, como lembra Adorno (2006, p. 57), “não há [com efeito], uma comunicação direta entre o trabalho nas ciências particulares e a filosofia, [embora] isto não significa que inexistem relações entre ambas”. Certamente, o grande progresso das ciências a partir do século 18, seguido pelo desenvolvimento acelerado da técnica levou à especialização cada vez maior do saber.¹

É bom lembrar, ainda, que o próprio Ministério da Educação espera que a filosofia ajude a consolidar a prática interdisciplinar desde o ensino médio.² Como encarar, então, o fato da filosofia estar sendo convocada para recuperar a unidade

¹“A busca da interdisciplinaridade é uma reação a uma constatação epocal: vivemos num mundo de fragmentação, de saberes desconectados. Na universidade o quadro é de superespecialização nas disciplinas, de reducionismo e isolacionismo, a ponto dos pesquisadores não conseguirem mais se comunicar entre colegas da mesma área, que dirá de áreas diferentes[...]. Espera-se da prática interdisciplinar a superação desse quadro de superespecialização e de fragmentação das disciplinas. Os cientistas, tanto das áreas de humanas como exatas, esperam que a filosofia os ajude a reverter esse quadro no seio da universidade” (Feitosa, 2004, p. 89).

²Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio explicitam claramente o foco para a interdisciplinaridade, proposto como “eixo estruturante a ser privilegiado em toda formação curricular e o modo como devem ser tratados os conhecimentos filosóficos, conforme indicado expressamente na Resolução 03/98, a saber, no § 2º, alínea b do Artigo 10 – ‘As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para os conhecimentos de filosofia’. Assim, o papel da Filosofia fica alargado e poderemos, a partir de qualquer posição em que estivermos, ajudar a pôr em marcha a cooperação entre as diferentes perspectivas teóricas e pedagógicas que compõem o universo escolar” (PCNs, 2000, p. 45-46).

perdida dos saberes fragmentados, dispersos e compartimentalizados? É, pois, nesse contexto que a afirmação da importância da interdisciplinaridade ganha sentido, como meio de suprir as deficiências da especialização. A aposta é na relação da filosofia com os outros campos do saber, desde que “esta [seja] uma filosofia aberta [...] que não se prenda a sistemas filosóficos fechados, que não seja regida por princípios *a priori*, pois somente assim, tornar-se-á capaz de acompanhar o desenvolvimento descontínuo do saber científico” (Bulcão, 1994, p. 63). O papel da filosofia é sempre o de se voltar para outro objeto que não ela própria, o que significa que a sua peculiaridade “é ser um discurso de segunda ordem, já que ela não se apropria de nada, tendo como objetivo único, buscar, pela reflexão crítica, a inteligibilidade do mundo e do próprio conhecimento” (Bulcão, 1994, p. 69).

Outra questão problemática que precisa ser enfrentada diz respeito aos próprios termos que já se tornaram “lugares-comuns”, quando se fala em interdisciplinaridade. Na verdade, parece que a própria perspectiva interdisciplinar vem cedendo espaço a outras abordagens que ora são chamadas de “multi – ou pluridisciplinar”, ora de “transdisciplinar”. Afinal, existem diferenças substanciais entre essas abordagens? Pensamos que na raiz da questão, encontra-se a ideia mesma de “disciplinar”. A disciplina, como bem o sabemos, refere-se ao mesmo tempo a “saber” e “ordem”. É uma maneira, como lembra Feitosa (2004, p. 95), “de organizar e delimitar um território de trabalho, de concentrar a pesquisa e as experiências dentro de um único ângulo de visão”.

Entretanto, se o regime disciplinar se apresenta com esse caráter concentrador, ao contrário, “a interdisciplinaridade designaria o espaço *intemédio*, a posição *intercalar* [a] partir da compreensão dos diferentes prefixos [*inter, multi, pluri, trans*] da palavra disciplinaridade, do que eles têm para nos ensinar, das indicações que transportam consigo, na sua etimologia (Pombo, 2004, p. 5)”. Antes de se falar em interdisciplinaridade, há alguma coisa que precisa, então, ser apreendida. Trata-se da própria palavra que está na raiz da interdisciplinaridade, a saber, a disciplina. Recorrendo, então, à “proposta provisória de definição” apresentada por Pombo, a interdisciplinaridade pressupõe falar de “qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Disciplinas que se pretendem juntar: *multi, pluri*, a ideia é a mesma: juntar muitas, pô-las *ao lado* uma das outras. Ou então articular, pô-las *inter*, em inter-relação, estabelecer entre elas uma *ação recíproca*” (2004, p. 4; os grifos são da autora).

A par das dificuldades que se interpõem no caminho, já que o nosso regime escolar é todo ele organizado de forma disciplinar, não devemos nos esquecer de que a interdisciplinaridade se realiza é no campo das práticas. É nesse terreno que importa saber de que modo os outros saberes podem se cruzar com a filosofia nos espaços escolares. Uma das potências da interdisciplinaridade é justamente não corroborar com a divisão que a ciência vem afirmando, em que a palavra de ordem é a especialização do conhecimento.³

O problema da especialização encontra os seus limites porque a ciência toma consciência de que, como observa Olga Pombo, “*o todo não é a soma das partes*”. É nesta nova configuração epistemológica que novas disciplinas nascem nas fronteiras entre duas disciplinas tradicionais. Como exemplos, a bioquímica, a biofísica, a bioética, etc. Outras, como interdisciplinas, aquelas que nascem na confluência entre ciências puras e ciências aplicadas. Perceber, então, a transformação epistemológica em curso é reconhecer que lá, onde esperávamos encontrar o simples, está o complexo, o infinitamente complexo. Se “*o todo não é a soma das partes*”, a especialização tem que ser complementada, ou mesmo em alguns casos substituída por uma compreensão interdisciplinar capaz de dar conta das novas configurações, das perspectivas múltiplas que permeiam o conhecimento mais aprofundado dos objetos de estudo da ciência.

Objetivos

Com este projeto pretende-se criar condições para promover a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica e valorizar os estudantes que fizeram a opção pela docência em filosofia. O aprimoramento da formação inicial dos futuros “mestres-filósofos”, a formação continuada dos professores de filosofia que atuam na educação básica e a educação filosófica dos jovens estudantes do ensino médio, são os alvos que se pretende atingir. Para tanto, a intervenção dos bolsistas na escola, vem se realizando por meio de atividades interdisciplinares que permitam

³“Ora, o que é a especialização? Uma tendência moderna, exponencial a partir do século XIX. Sabemos que a ciência moderna se constitui pela adoção da metodologia analítica proposta por Galileu e Descartes. Isto é, se constituiu justamente no momento em que adotou uma metodologia que lhe permitia “esquartejar” cada totalidade, cindir o todo em pequenas partes por intermédio de uma análise cada vez mais fina. Ao dividir o todo nas suas partes constitutivas, ao subdividir cada uma dessas partes até aos seus mais ínfimos elementos, a ciência parte do princípio de que, mais tarde, poderá recompor o todo, reconstituir a totalidade” (Pombo (2006, p. 5-6).

estabelecer o diálogo da filosofia com as outras disciplinas do currículo do ensino médio.

Metodologia

A equipe do projeto vem se ocupando com a leitura dos textos selecionados para construir o arcabouço teórico da pesquisa. Na pauta dos encontros realizados até o presente, estudos e discussões têm sido feitos em torno aos fundamentos filosóficos da interdisciplinaridade, como também em torno aos objetos de investigação dos planos de trabalho que vêm sendo executados pelos bolsistas integrantes do projeto. No primeiro semestre de 2011, por meio de uma disciplina optativa: Filosofia Geral e da Educação, oferecida aos alunos do Colégio Estadual Pré-Universitário, do primeiro ano do ensino médio - que contou com a participação ativa dos bolsistas do PIBID -, foi possível dar os primeiros passos na perspectiva de transpor para o campo das práticas, a proposta de um ensino de filosofia afinado com a proposta de nosso projeto, a saber: exercícios/práticas interdisciplinares que possibilitem pensar o lugar da filosofia na educação escolar, potencializando, assim, sua dimensão formativa.

Resultados / discussão

Diante do quadro de fragmentação e de especialização dos saberes, pelo qual estamos passando, a interdisciplinaridade se coloca como uma exigência, em contraposição à cegueira das especializações e a nossa aposta é que a filosofia pode e deve contribuir para o debate dessa questão que é mesmo muito urgente. A filosofia não precisa “temer nenhum contágio”, quando posta em contato com a lógica de outras disciplinas, como mostra a especificidade da sua história e de seus modelos argumentativos (Nobre e Terra, 2007, p. 101). Além disso, é importante, frisar, a produção/reprodução do conhecimento não se dá apenas pela especialização crescente, como estamos habituados a pensar. A ciência é um processo que exige também um olhar transversal, o que requer um olhar para o lado para ver outras coisas, ocultas a um observador rigidamente disciplinar.

Conclusões

Não se trata de esperar que as práticas interdisciplinares promovam a superação do quadro de superespecialização e de fragmentação das disciplinas.

Antes, esse procedimento deve ser adotado em nome de um respeito à complexidade, à multiplicidade e à pluralidade intrínseca que constitui a realidade. Assim, para além de sua faceta cognitiva, a interdisciplinaridade é um convite ao alargamento da sensibilidade à complexidade e é à luz desse registro que se deve pensá-la como uma *atitude* que se expressa na abertura de espírito, gosto pela colaboração, pelo trabalho comum e no interesse real por aquilo que os outros saberes têm a dizer.⁴

Trata-se, portanto, de ocupar esse espaço aberto pela possibilidade da cooperação interdisciplinar, para que, assim, sejam possíveis os encontros e os diálogos. Há encontro quando os saberes se ouvem, sem que, para isso, percam suas identidades. E, se a filosofia pode e deve contribuir para o debate dessa questão é porque, como bem lembra Adorno (2006, p. 53), “a filosofia só faz jus a si mesma quando é mais do que uma disciplina específica”.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4ª. ed. SP: Ed. Paz e Terra, 2006.

BULCÃO, Marly. Interdisciplinaridade no ensino da filosofia para as áreas de ciências naturais e biológicas. In: *Seminário nacional sobre a interdisciplinaridade no ensino da filosofia*. RJ: UERJ, 1993/1994, p. 56-74.

FEITOSA, Charles. O ensino da filosofia como uma estratégia contra a interdisciplinaridade. In: KOHAN, Walter O. (org.). *Filosofia – caminhos para seu ensino*. RJ: DP&A, 2004, pp. 87-99.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio*. Brasília, DF, 2000.

NOBRE, Marcos e TERRA, Ricardo. *Ensinar filosofia – uma conversa sobre aprender a aprender*. Campinas, SP: Papirus, 2007 (Papirus Debates).

Fonte de financiamento: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID

⁴“Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo” (Pombo, 2004, p. 16).